



Semana Regionalista

* Vila Viçosa Portugal.

AVENÇA

DELEGAÇÃO EM ÉVORA:

Rua João de Deus, 66, 1.º — APAARTADO 64 — Telef. 2 41 51

SEDE DA ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO:

Zona de Urbanização a Sul do Mercado, Lote 2 — Telef. 4 21 13 (P.P.C.)

ASSINATURAS:

Trimestre — 13 números: Portugal, 30\$00; Estrangeiro, 60\$00

UMA FILHA CHAMADA LIBERDADE

Rosa arrastou as pernas a sair do movimento parado de estátua. Assistira ao termo da vida do marido. Não tinha podido sequer satisfazer um último desejo do defunto. A sopa. A sopa a que os pobres se tinham habituado. Para ele, José, era uma questão de hábito.

As palavras não serviam para nada nem os vizinhos.

José morrera a 25 de Abril. Morrera com o sistema que o oprimira. Morrera livre e a morte era bela. Em casa de Rosa.

José que me deixaste. Amor. Como nós conhecemos. Tinha vindo do ultramar. Muita gente

dizia que vinhas louco. Mas tu vinhas coxo. José, Amor. Já nem trazias as flores da esperança. Amor a primavera nessa altura tinha já morrido a criança em ti. Lembras-te? Fomos à maia. Nessa altura ainda saíamos. Depois sempre pioraste. Triste, triste. E cada dia mais. José amor nessa noite fomos para debaixo daquela oliveira grande e amamos muito. Ouvíamos os risos dos outros e a música do acordeonista, mas a terra era nossa. Gozamos amor. Encontrei em mim a força. E em ti a necessidade imensa de te dares. José amor e eu não

podia mais e tu despiste o casaco debaixo da minha cabeça como na cama dos Reis. Então as luzes da festa apagaram-se. José, hoje o rádio falou em fascismo. Falou que somos livres. És livre José és livre. Dizem que querem o povo unido. Chorei, José. Como dessa vez debaixo da oliveira quando perdi a virgindade. Diziam, o povo unido jamais será vencido. O povo jamais será vencido. José cravos. José flores. Sei que os teus olhos brilharão. Abre os olhos e vê. Já não somos pobres. A minha pobreza é teres-te ido...

Rosa abanou a cabeça tristemente longamente. Aqueceu a sopa que tinha preparado para o marido. A barriga já enorme continuação de José empatava-lhe a vida. Seria uma filha. Como José queria. Chamar-lhe-ia Liberdade. Alguém por ele lhe tinha já entregue o País onde ela viveria. Era um país que Rosa desejava bom. Onde os homens não chegassem coxos da guerra. Queria justiça. Bebeu a última sopa.

António Eugénio Madeira

Liberdade, trabalho e ordem

Depois de quarenta e oito anos de opressão as Forças Armadas libertaram-nos dessa odiosa tirania, fazendo baquear o regime fascista, que durante esse período, bastante longo, nos privou da liberdade de imprensa, reunião e pensamento, prendendo, demitindo, todos que à sua política retrógrada e anti-humana não se ligasse ao seu partido (o único) A. N. P.

O que foi essa política fascista durante esse tempo, é já do conhecimento do Povo e que as Forças Armadas desmantelaram pondo-lhe fim no dia 25 de Abril.

Vitorioso este movimento, foi imediatamente, constituída a Junta de Salvação Nacional, que ao Povo deu a conhecer o seu programa, em que entre outras garantias se propõe:

— Garantir a sobrevivência da Nação como Pátria soberana.

— Promover desde já plena expressão de pensamento a todas as correntes de opinião.

— Garantir a liberdade de reunião e criação de sindicatos livres.

— Pautar a sua acção pelas normas elementares da moral e da justiça para garantir a liberdade dos cidadãos.

— Dinamizar as suas tarefas, para que no mais curto espaço de tempo, o País venha a governar-se pelas instituições da sua livre escolha.

— Devolver o poder às instituições constitucionais, logo que o Presidente da República seja eleito.

— Eleições livres da Assembleia Nacional e directamente do Presidente da República.

— Liberdade de Imprensa, libertação de todos os presos políticos e livre entrada no País de todos os exilados políticos.

Os principais números desse programa encontram-se já executados

não faltando de entre eles a dissolução da PIDE, Legião Portuguesa, Movimento Feminino e Mocidade Portuguesa.

★

Cumpridas já estas aspirações do

(CONTINUA NA PAGINA TRÊS)

Oferta de uma ambulância aos Bombeiros Voluntários de Vila Viçosa

Em cerimónia a que esteve presente o ilustre Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, dr. José de Azeredo Perdigão, o director do Serviço de Saúde e Protecção Social, e outros altos funcionários da referida Fundação, acabam de ser entregues a quinze Corporações de Bombeiros do País, quinze ambulâncias marca «Peugeot»-404, com motor a gasóleo.

Coube à nossa prestimosa Associação uma dessas viaturas.

Estão de parabéns a Associação dos Bombeiros Voluntários de Vila Viçosa, e simultaneamente a população do concelho, pela generosa dádiva com que a benemérita Fundação Gulbenkian, quiz distinguir e enriquecer o património dos nossos bombeiros, que bastante carecidos estavam de tão útil como importante viatura para os serviços de saúde.

Compete a todos os Calipolenses, através do seu porta voz «O CALÍPOLENSE», manifestar publicamente a sua gratidão por tão valiosa oferta, expressando à benemérita

Fundação Calouste Gulbenkian, o seu MUITO OBRIGADO, o que dá ensejo ao que pretendem os bombeiros da nossa terra — SERVIR SEMPRE MELHOR.

Ano Santo e peregrinação Diocesana ao Santuário da Imaculada Conceição de Vila Viçosa

Conforme estava programado realizou-se nos dias 4 e 5 de Maio a peregrinação anual ao Santuário da Padroeira de Portugal em Vila Viçosa, neste Ano Santo de Jubileu Internacional.

Com tempo pouco seguro, na noite de sábado, dia 4, teve lugar a procissão das velas com a Imagem Veneranda, que percorreu parte da Avenida Duques de Bragança e Avenida Duarte Pacheco, regressando ao Santuário pelo mesmo percurso,



XI

Os pioneiros da Ecologia

Já se referiu que a Ecologia é um campo de estudo praticamente hodierno, pois apenas um século decorreu desde que, por iniciativa de Reiter, o seu nome começou a figurar na nomenclatura científica, em substituição do termo Etologia proposto, em 1859, pelo conceituado naturalista Geoffroy Saint-Hilaire. É claro que isto não significa, de maneira alguma,

que as relações entre os organismos vivos e a sua ambiência inorgânica não remontam aos alvares da Criação e os nossos proto-pais não tenham sentido o seu influxo poderoso, logo que, na noite sombria e trágica da Pré-história, começaram a trilhar os ásperos caminhos do Exílio e se viram obrigados a

(CONTINUA NA PAGINA TRÊS)



Se há quem chame à Idade Média dark age, o que se há-de chamar a uma época que se desentranha em abortos deste jaez? Infelizmente, nem se pode dizer que o monstrozinho tenha sido parturejado por um cabotino em busca de notoriedade. O que se reproduz na gravura supra, é, nada mais, nada menos, do que o célebre quadro de Picasso «Mulher com um gato» que ainda há poucos anos foi à praça num leilão de arte londrino pela módica importância de 30 000 libras...

amor reïnassem no coração dos Homens.

Durante a noite e até às 7 horas da manhã, esteve solenemente exposto o S. Sacramento, no altar central do Santuário, ornamentado de belas flores (cravos e gladiolos) e refulgindo de luzes dos projectores e das velas votivas oferecidas pelos fiéis. Noite fria, o tempo tinha estado chuvoso e desabrido, mas mesmo assim os fiéis estiveram presentes

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

Fazem anos: A festa do Seminário de Vila Viçosa

Em 18 de Maio:

Maria de Lourdes Cabago Palma.

Em 19 de Maio:

Joaquim António Romão Ramalho.

Mário Joaquim Ferreira da Silva
Palmira Gonçalves Couto Leitão

Em 20 de Maio:

Berto Baião Barreiros
Maria do Céu do Rosário Passos

Em 21 de Maio:

António José Ribeiro Canhão
José Augusto Nunes

Em 22 de Maio:

Maria Antónia Compõete Godinho Simões

Em 23 de Maio:

José Filipe Calego Taxas
Luís Manuel Cota Marques
Maria Isabel Évora Barreiros

Em 24 de Maio:

Manuel Augusto Trindade

Em 25 de Maio:

Joaquim Eduardo Simões Pina
Dr. José Manuel Baião Papão
Dr. Luís Projecto Lapão
Maria Vitória Ferreira da Silva
Simplicio João Alves

Em 26 de Maio:

Adriano da Conceição Pernas Rosa

Justino do Nascimento Ramos
Parabéns.

A festa do Seminário de S. José decorreu nesta vila durante os dias 25, 26, 27 e 28 que foi o dia em que culminou a festa.

Durante estes dias deu-se incremento à liturgia havendo-se realizado por conseguinte nos dias 25, 26 e 27 respectivamente a celebração solene, o terço e a celebração comunitária de Reconciliação. Mas antes da celebração solene do dia 25, houve por bem oferecer um convívio aos jovens desta vila. Compareceram numerosas pessoas ao convívio, bem como nos dias seguintes. O orientador do convívio seria o sr. Padre Manuel Barros se porventura comparecesse mas vários motivos levaram-no a não comparecer.

Foi então pedida a colaboração do sr. Padre António Duarte Serra que aceitou e cumpriu a sua missão. A celebração de reconciliação, que foi orientada pelo Reitor do Seminário Padre Luis Martins Adriano, apareceram igualmente muitas pessoas, as quais deram maior brilho às cerimónias. No dia 28, domingo realizaram-se a celebração e o terço às 11 h 30 m e às 17 h respectivamente, que foram presididas por Sua Ex.^a Rev.^a o Senhor Arcebispo da Arquidiocese de Évora, D. David de Sousa.

Se foi verdade que a festa teve um fim religioso, também não descoramos a parte artística.

Deste modo houve um sarau durante o jantar oferecido aos Benfeitores no qual actuaram a Orquestra e o Grupo Coral

TORNEIO DA PRIMAVERA DE TIRO AOS PRATOS EM AVIZ (Clube Náutico)

Realizou-se nos dias 4 e 5 de Maio em Aviz o anunciado Torneio da Primavera.

Foram os seguintes os resultados: No dia 4, «Poule de ensaio»: 1.º Guilherme Chitas - Aviz - 8 - 10. 2.º Júlio das Neves - Aviz - 4 - 10 desempate. 3.º José Seromenho - Aviz - 4 - 10.

«Poule de honra»: Iniciados: 1.º Francisco Alexandre - Ponte de Sôr - 9 - 20 desempate. 2.º José Seromenho - Aviz - 9 - 20. 3.º Dr. Fernando Belo - Aviz - 8 - 20. Veteranos: — 1.º António Grilo - Estremoz - 16 - 20. 2.º João Adegas - Ponte de Sôr - 14 - 20. 3.º Guilherme Chitas - Aviz - 14 - 20 desempate.

No dia 5: «Poule de ensaio «Mestre de AVIZ»: 1.º Carlos Roda - Leiria - 9 - 10 desempate. 2.º António Grilo - Estremoz - 9 - 10. 3.º Dionízio Reis - Leiria - 9 - 10. 4.º Cipriano Raio - Sintra - 9 - 10. 5.º Manuel Domingues - Sintra - 9 - 10. «Poule de honra»: 1.º Carlos Roda - Leiria - 25 - 25. 2.º Oscar Cruz - Lisboa - 24 - 25. 3.º Casimiro Pinto - Cascais - 22 - 25 desempate. 4.º Manuel Domingues - Sintra - 22 - 25. 5.º Laureano Moreno - Cascais - 22 - 25.

Algumas destas poules foram sujeitas a desempate.

OBS: Os concorrentes de Vila Viçosa não chegaram a atingir a final.

Todo o torneio correu normalmente e todos os forasteiros partiram satisfeitos.

do Seminário. Houve também uma pequena obra teatral, que serviu para tributar homenagem aos prezados Benfeitores do Seminário. Pena foi que a assistência fosse muito limitada. Disso porém nos lamentamos. Mas não havia outra solução, pois motivos haviam soberaneamente, para que a festa deste ano se não realizasse com aquele aparato a que estamos acostumados, e que tem sido tradição desde muito tempo.

Um dos motivos mais fortes, que nos levaram a quebrar esta tradição foi o desejo de transformar esta festa numa vivência litúrgica e numa festa Espiritual e ainda para que nós, alunos, não perdéssemos o ritmo de trabalho, pois grandes responsabilidades nos esperam como é o caso do Exame liceal.

Pedimos pois a vossa compreensão.

B.N. (3.º Ano Secundário)

Indústria Extractiva do Mármore em 1972

Pedreiras activas	Produção (ton.)	Valor na pedra (contos)	N.º de operários	Salários (contos)
BORBA	49	41 264	635	14 875
ESTREMOZ	27	24 391	304	7 239
VILA VIÇOSA	116	100 501	1 234	29 892

Retirámos estes números do opúsculo «Indústria Extractiva das Rochas Ornamentais de Portugal Metropolitano, em 1972», de Octávio Rabaçal Martins, engenheiro do Serviço do Fomento Mineiro. Mais uma vez se verifica que a zona de Vila Viçosa sobreleva as outras neste ramo industrial, pelo que devem ser estudados com minuciosa atenção todos os condicionamentos que devem servir a melhoria da Indústria extractiva do mármore, nesta zona. Desde os caminhos municipais que servem as pedreiras, até à distribuição da energia eléctrica,

HORARIO DA REDACÇÃO DE «O CALIPOLENSE»

De 2.º a 6.º feira:

Das 9 h. e 30 m. às 13 horas e das 14 h. e 30 m. às 18 h. e 30 m.

Aos Sábados:

Das 9 h. e 30 m. às 13 horas.

tudo deverá concorrer para um incremento quantitativo e sobretudo qualitativo da extracção do mármore. Podemos notar que alguma coisa se conseguiu, pois apesar de fecharmos 35 pedreiras, verificou-se um aumento de produtividade. A melhoria do equipamento, muito embora se registasse a saída de 473 operários, permitiu que a mão-de-obra restante se aperfeiçoasse e praticasse em maior volume de trabalho útil. E quanto a trabalho útil, é absolutamente necessário que ser devidamente remunerado pela o operário se capacite de que para entidade patronal deve trabalhar ordenadamente e dedicadamente de modo a produzir não só aquilo que ele próprio absorve, mas também o suficiente para cobertura dos demais encargos e do justo lucro da exploração.

Neste aspecto verifica-se as mais das vezes que o operário português, na sua própria terra, não é dedicado à sua função, nem tem espírito competitivo na racional produção dos bens a que está abstrito; em contrapartida, os que emigram para França e Alemanha logo que lá chegam, são preferidos a tantos outros, precisamente porque se dedicam ao trabalho, geralmente o mais pesado, e com afinco produzem muito mais do que é pedido aos nacionais. Diz-se que trabalham mais porque lhes pagam mais, mas a questão é um pau de dois bicos: se trabalham mais é porque ganham mais, mas se ganham mais é precisamente porque produzem mais.

Ora aquilo que fazem lá fora, não o poderiam fazer cá no País?

Toda a gente pensa que sim. Um homem que produz e é mal remunerado, pode com justo direito dialogar o ajustamento de salário. Mas não será preciso, porque não deve haver patrão nenhum do mundo que tendo um bom operário e colaborador não lhe pague com gosto a justa remuneração. O pior é que muitos se julgam bons, e, como não pensam fazer contas, nem sequer chegam a mediocres.

PORTALEGRE

Resumo das deliberações Camarárias

No dia 7 do mês de Maio em curso reuniu a Câmara Municipal de Portalegre sob a presidência do sr. prof. Manuel Inácio Pestana, presidente da Câmara, com a assistência dos Vereadores senhores Mariano Firmino Costa Pinto, Eng. Francisco Próspero dos Santos, D. Margarida de Jesus Serras Fraga do Amaral e prof. Dionísio da Graça Bicho Cebola, encontrando-se a assistir os senhores Chefe da Secção de Obras, Director-Delegado e Chefe dos Serviços Administrativos dos Serviços Municipalizados e chefe de Secretaria da Câmara.

Entre outras, foram tomadas as seguintes deliberações:

— aprovar os autos de medição n.º 2 e 3, respeitantes respectivamente às obras de «construção do C. M. 1447 — da E. N. 246 (Quinta Formosa) à E. N. 246-2 (Carvoeiro) no valor de 132 741\$90 e de reparação de arruamentos em Alegrete - 5.ª fase no valor de 33 000\$00 e autorizar desde já o pagamento destas importâncias ao empreiteiro adjudicatário das obras;

— encarregar o chefe de Secretaria de elaborar novo projecto da postura sobre a remoção dos lixos domésticos e limpeza das vias públicas de harmonia com os reparos feitos pela Direcção-Geral de Administração Local à que foi enviada em 22 de Junho de 1973 para aprovação superior;

— deferir o pedido feito pelos comerciantes de ourivesaria estabelecidos nesta cidade, através do Grémio do Comércio do concelho de

Portalegre, no sentido de lhes ser concedida autorização para encerrarem os seus estabelecimentos aos sábados, durante os meses de Junho a Setembro, a partir das 13 horas;

— tomar conhecimento de ter sido concedida a participação de 220 contos para a elaboração do Plano Geral de Urbanização de Portalegre;

— conceder licenças para obras e para utilização de prédios construídos de novo ou remodelados;

— tomar conhecimento do movimento dos museus municipais durante o mês findo;

— tomar as providências necessárias, a pedido do vereador sr. Professor Dionísio Cebola, para a reparação e limpeza dum poço que abastece a população do sítio dos Odres, junto ao Lugar de Monte Sete, na freguesia de São Julião.

A Escola Secundária de Vila Viçosa obteve mais um êxito desportivo

Mais uma vez, a nossa Escola marcou presença em mais uma competição. Desta vez, foi a equipa de futebol que se deslocou ao Alandroal para disputar uma taça, na festa dos finalistas do Externato Liceal.

Os nossos representantes bateram-se bem e venceram sem margem para dúvidas por duas bolas a zero conquistando brilhantemente a taça, Nuno Pinho e Melo.

A defesa demonstrou bem o seu espírito de luta. Carlos e Soares tiveram uma actuação de bom nível; Coelho e Diogo resolveram as situações pelo centro.

No meio campo, Moura foi o verdadeiro motor da equipa e, no ataque, houve um bom conjunto salientando-se Saramago autor dos golos.

Resta-nos dizer que os nossos rapazes lutaram sempre com valentia,

genica e cabeça erguida, sendo em todos os aspectos superiores aos seus comparsas do Alandroal.

A equipa do Alandroal foi um conjunto que lutou aguerrido, mas sem consequências.

A arbitragem foi deficiente pois, cortou várias vezes o jogo, prejudicando nitidamente o nosso conjunto.

No entanto, esteve certa a expulsão de Coelho, por protestar as suas decisões.

A equipa alinhou: Galhofas; Carlos, Coelho, Diogo e Soares; José Carlos (Caleé, Alcídio), Cabral; Frade, Saramago (Frausto) Carlos Alberto (Serra, Elias).

Desta vez a orientação técnica pertenceu ao nosso muito estimado professor P. José Luis Ferreira Francisco.

Francisco Alves Fernandes

COUTADA

Precisa-se ou tomam-se posições

Resposta para o Largo 5 de Outubro, 64 ou pelo telefone 2762922.

COVA DA PIEDADE

Artes plásticas?

Marque Lisboa 70 43 04
GREGÓRIO GOMES

Gabriel Jaleco

SOLICITADOR ENCARTADO

Rua João de Deus, 66-1.º

ÉVORA

Telefones: { Escrit.: 2 41 51
Resid.: 2 47 46

(CONT. DA PAGINA 1)

tirar partido das mais variadas vicissitudes ecológicas, quer para se apropriarem dos animais e das plantas que constituíam a sua alimentação, quer para se furtarem aos desfavores e às inclemências duma Natureza hostil. Aliás, mesmo sem documentos fidedignos que provem a existência dessas interações, não é difícil de vislumbrá-las nos costumes dos povos antigos e daqueles que, ainda hoje, vegetam num estádio embrionário de civilização, sobretudo no substrato panteísta das suas teogonias, nas suas danças rituais, nos seus holocaustos sangrentos, assim como há possibilidade de identificá-las nos vestígios paleontológicos respeitantes à migração de certos grupos sociais para fugirem aos rigores do clima ou aos flagícios das grandes calamidades telúricas. Porém, é indiscutível que, só com o advento da civilização helénica, a Ecologia deixa de ser um simples factor inerente ao complexo mecanismo da luta pela vida e esboça os primeiros tentames para conquistar um lugar ao sol no mundo da Ciência, como corolário da atenção que os filósofos e os cientistas gregos dedicaram ao papel biótico das induções ambientais. Entre esses gigantes vultos da Antiguidade Clássica, vários foram os que se debruçaram sobre o assunto, mas nenhum com tanta objectividade e compenetração como Hippocrates — o pai da Medicina — que, num passo da sua obra «*Acerca dos ares, das águas e dos lugares*», expõe esta opinião bem significativa: «*Quem de-seje estudar convenientemente a Medicina deverá atender, em primeiro lugar, às estações do ano e aos efeitos produzidos por cada uma delas que vão variando à medida que variam as estações a que dizem respeito*», como Aristóteles — o mestre de Alexandre da Macedónia e fundador da Escola Peripatética, onde a Natureza figura o imenso esforço da matéria bruta para se elevar até ao acto puro, isto é, ao pensamento e

à inteligência — que, na sua portentosa *História dos Animais*, refere os hábitos de muitas espécies zoológicas em conexão com as características do respectivo *habitat* e, sobretudo, como Teofrasto, discípulo de Aristóteles e seu sucessor na direcção do *Liceu*, um batânico de primeira água por muitos considerado, como se salientou no artigo anterior, o verdadeiro proto-patriarca da Ecologia, que descreveu numerosos tipos de plantas (marinhas, litorais, palustres, etc.) e de comunidades botânicas, considerando, com uma pormenorização surpreendente, as suas relações recíprocas e com o meio em que viviam. Infelizmente, o esforço dispendido pelos gregos, no domínio da história natural, não teve continuidade durante muitos séculos que alguns autores não hesitam em estigmatizar com *slogans* pejorativos (*centuries of intellectual stagnation e dark ages* (1) lhes chamou Clifford B. Knight, conceituado professor de Biologia do East Carolina College, de Greenville (E. U. A.), numa demonstração cabal de que um sujeito pode ser um grande ecologista e não passar, em assuntos medievais, dum apedeuta macroscopicamente fossilizado...) e foi preciso chegarem aos tempos modernos, com mais rigor, os princípios do Século XVIII para que se desse mais um passo em frente, e importantíssimo, graças ao físico e naturalista francês Ferchault de Réaumur, um cientista de grande mérito que além de inventar uma escala termométrica e de contribuir, com os seus estudos sobre a tempera de aço, para o progresso da indústria siderúrgica, publicou uma obra monumental em seis volumes — «*Mémoires pour servir à l'histoire des insects*» em que se compendiam informações dum extraordinário alcance científico, não só sobre a morfologia e os hábitos destes animais, como também sobre as particularidades do seu condicionalismo ecológico. Todavia, foi no Século XIX — a quem Léon Daudet,

o dialéctico prodigioso da *Action Française*, não hesitou em acoimar de *stúpido XIX siècle*, não obstante a indiscutível validade do seu património intelectual e artístico — que este vasto campo da História Natural começou a atrair, verdadeiramente, a atenção dos cientistas e o estudo das acções recíprocas entre os organismos vivos e a respectiva ambiência adquiriu um ritmo mais acelerado.

Joaquim Soeiro

(1) — Como todos os lugares-comuns, os *slogans* são frases feitas que à força de repetidas, a propósito e a despropósito de tudo, perdem a maior parte do seu conteúdo semântico. É o caso dos *centuries of intellectual stagnation e dark ages* aplicados, com acintoso sectarismo, a uma época que nos legou monumentos filosóficos como a *Summa Theologica*, pedra angular da Escolástica e *one of the great intellectual achievements of Western man*, na opinião de David Herlthy, do Bryn Mawr College, literários, como a *Divina Comédia* de Danfe ou as *Rime* de Petrarca, arquitectónicas, como as catedrais góticas de Colónia, de Chartres, de Amiens e tantas outras *Bibles visuelles, images réduites et condensées de l'Univers*, na síntese lapidar de M. Lahy-Hollebeegue... É claro que não vale a pena rebater semelhantes distorções críticas, mas temos de convir que, se o colapso duma ou mais actividades científicas basta para imputar a qualquer período histórico um labéu de obscurantismo e de absoluta estagnação intelectual, dificilmente se encontrará, a não ser no âmbito da nomenclatura escatológica, um qualificativo adequado para os tempos em que vivemos, onde, a par de progressos técnicos e científicos verdadeiramente assombrosos, se sucedem as mais abjectas erupções de ferocidade e de insânia, desde as hecatombes de Hiroshima e de Nagasaki às chacinhas alucinantes de Buchenwald, dos mamarrachos da *arte abstracta* às esquizofrenias convulsionárias dos *Beatles* e dos seus fans, dos batotes da ONU às razias da *Revolução Cultural chinesa*, dos genocídios stalinianos e nazis às parvoçadas de certos clérigos contestatários contra as verdades fundamentais da Fé...

(CONTINUADO DA PAGINA UM) Povo, do Movimento Democrático e de outras ideologias uma coisa resta agora: trabalhar, mas como?

Que todas as classes trabalhadoras (e quando digo trabalhadoras englobo os do campo, oficinas, comércio e carteira) estudem as suas reivindicações, a criação dos Sindicatos livres, posse dos já existentes e que as Casas do Povo, sejam entregues aos trabalhadores rurais.

Criar a Confederação Geral dos Trabalhadores, as diferentes federações de classe, uniões de sindicatos, as juventudes democráticas e partidos políticos e ainda um diário para defesa das classes trabalhadoras, para coordenação dos seus trabalhos.

★

De todas estas considerações, subsiste ainda a ordem e a calma, que é preciso manter e o povo a tem sabido cumprir.

É preciso que a alegria e regozijo continue pela queda do fascismo e pela liberdade do Povo.

A Junta de Salvação Nacional, tem sobre os seus ombros um sem número de trabalhos, que sem eles resolvidos não podemos entrar na sua posse definitivamente. Reorganizar a vida duma Nação, estudar e resolver todas as suas estruturas, criar e rever leis, são trabalhos que não se podem fazer num ou dois dias, para a reorganização de um Portugal novo e livre.

ELIAS MATIAS

Campeonato Nacional da Terceira Divisão

Calipolense, 0 - Campomaiorense, 2

Em jogo a contar para a 31.ª jornada do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão - Série C, defrontaram-se, no passado domingo, o Calipolense e o Campomaiorense, no Campo da Restauração.

Foi árbitro do encontro o sr. Fernando Lages, de Lisboa e as equipas alinharam do seguinte modo:

CALIPOLENSE:

Talhinhas, Trindade, Calixto, Patação e Serrador; M. Fernando, Parraça e Pinto; João Canhoto, Franco e Nero.

Talhinhas e M. Fernando foram substituídos por Castro e Lobo Franca.

CAMPOMAIORENSE:

Dias, Henrique, Rebisco, Santos e Horta; M. Pereira e Carapinha; Fernando, Piedade, Portela e Artur.

MARCADORES:

Artur, aos 16 minutos e Piedade, aos 60.

É preciso não criar à Junta dificuldades de trabalho, roubando-lhe o precioso tempo que tem que dedicar aos assuntos dos diferentes departamentos, mais pertinentes ao nosso bem estar económico e social.

E, assim que todos estudantes, empregados e trabalhadores, que tenham reclamações a fazer, sobre saneamento de professores, funcionários, directores de serviços e empresas, se dirijam directamente aos delegados da Junta; junto aos respectivos departamentos.

A depuração tenho a certeza que se há-de fazer.

Por isso a Junta de Salvação Nacional, tem que agir e trabalhar para cabal cumprimento do programa que prometeu ao Povo; as liberdades fundamentais há tantos anos postergadas por uma seita usurpadora do poder fascistas e anti-portugueses.

Por isso que a Junta tenha o tempo livre para trabalhar sem acudir que lhe quebrem a sua rota, e, assim terá o Povo mais uma vez demonstrado que não é o povo desordeiro e terrorista de que o acusavam, o seu comportamento de ordem e civismo ficou bem patente nas manifestações de regozijo nos dias 27 de Abril e 1.º de Maio.

Saibamos esperar com calma e ordem, mas sempre alerta pelas infiltrações...

ALVICUBA, LDA.

OFERECE-LHE:

MAQUINAS DE LAVAR, desde	5 600\$00
FRIGORIFICOS, desde	3 450\$00
TELEVISORES, desde	5 850\$00
RÁDIOS COM GIRADISCOS ESTEREOFÓNICOS desde	2 750\$00
DISCOS L. P., desde	55\$00
ASPIRADORES, desde	1 650\$00
ENCERADORAS, desde	1 600\$00
FOGÕES A GÁS, desde	1 195\$00
ESQUENTADORES A GÁS, desde	1 995\$00

e muitos outros artigos..

NOS SEUS ESTABELECEMENTOS EM

VILA VIÇOSA - Tels. 4 22 50/4 21 02 ★ ESTREMOZ - Tel. 508

Prefira as melhores marcas:

CANDY — ZANUSSI — FAGOR — KELVINATOR

PHILIPS — GRUNDIG — OLIVA, ETC.

MÍLHÓLEO

óleo puro de germen de milho extraído por pressão

rico em ácidos gordos poli-insaturados

Consulte o seu médico

e saberá porque deve preferir este óleo alimentar

MOAGENS ASSOCIADAS, S.A. R. L.

ALHANDRA

SEDE — Avenida da Liberdade, 270

LISBOA

Uma coisa é certa se mais não houve, foi porque os jogadores o não quiseram.

Em abono da verdade diga-se que os visitantes mereceram a vitória, por melhor categoria dos seus jogadores.

Apreciando a nossa equipa, a nossa traumatizada equipa, frize-se, temos de ser tolerantes na medida em que tudo lhes tem sido adverso. Que dizer destes bravos rapazes que tudo têm feito para engrandecer o nome do Clube! São credores da nossa admiração e da melhor amizade.

Individualmente não distinguimos nenhum, porque todos puzeram à prova a sua costumada vontade.

Na equipa visitante, distinguiram-se Carapinha (o melhor), M. Pereira, Henrique, Piedade e Artur.

Estamos, certos, pelo que vimos, que os campomaiorenses não serão despromovidos.

Do árbitro já está tudo dito e chega.

José Bilro

O balanço no mar alto, provoca enjôo

A nossa ex-actividade no mar, proporcionou-nos uma avultada bagagem de apontamentos que, a passarem do pendente às colunas do preto e branco, nesta carestia de celulose e tinta, só com hipotéticos corantes descombustíveis, teríamos êxitos nos nossos propósitos!...

Aspamos, em princípio, deste e daquele canhenho, algo com humor para variar a prosa e despertar sorriso, numa época em que tudo atira para o enfado e tristeza!...

Os nossos convidados de hoje, são dois antigos companheiros, graduados, que atingiram altos postos, os quais tinham as suas preferências que, fundamentalmente pouco válidas, sob o atributo encorajador de os imitar, só provocavam aquele passatempo que servia de entretenimento para vencer a nostalgia provocada pela vista da água e do céu, rodeado de horizontes infinitos!

Na intimidade camaradística estamos frente ao «Beato» e «Palhaço», na barafunda dos navios do Estado, onde uns, para dormir, riscavam no chão e, outros; mais antigos e graduados, dispunham dos seus «beliches». Após a alvorada, a toque de clarim ou apito, sob mau tempo ou mar de rosas, os mais rijos de estômago, para enfrentar a doença do mar, o enjôo, acorriam

aos lavabos para as abluções matinais!... Foi neste pequeno rectângulo — nicho de cubicagem estanque — que se passou a cena que vamos relatar e acabou por constifur o assunto que ocupou o tempo nestas antigas longas viagens de semana sobre a massa líquida do nosso planeta!

A peculiar religião que todos praticamos, raramente é feita em comum, mormente no mar, onde só a evocam, quando a borrasca é séria, e o espírito se torna fraco!!!

Assim sucedeu com o «Beato», que aproveitava os lavabos, pouco frequentados nas manhãs de temporal para, frente ao espelho, se persignar e fazer a sua oração; ignorando ser espreitado por aqueles que, nas costas, faziam os seus comentários!... Fé, maníaco ou lunático, era um termo seguido por outros que, ao invés, como por exemplo: o «Palhaço», fazia caretas, chamando a atenção para si através dos restantes espelhos, tentando imitar o «Beato», para não glosarem os seus hábitos!

A orquestração duma casa de banho comum, onde tudo funcionava a um tempo, dava aso a muitos ruídos, onde o jucoso tomava a um tempo, dava aso a muitos ruídos, onde o jucoso tomava a deanteira

com muitos «R. T. P. chalado» cujo significado seria um raios-te-partam-maluco, etc!...

O remate era o cantar de uns miar de outros e ladrar de uns tantos, numa imitação tal, que fazia parar os que atravessavam os corredores e pasmavam com as atitudes à porta fechada dos seus superiores que tudo lhes exigiam em disciplina e porte, mas, quando nos alojamentos, pareciam estar na escola infantil!...

Sob uma borrasca de respeito, em pleno Atlântico, entre Lisboa e os Açores, a duas mil milhas, travou-se uma batalha dourada, onde os sabonetes, toalhas, copos, escovas e o mais que fosse de arremessar, saíam pela porta fora, à medida que este ou aquele se passava para o corredor, através dela, quando abria e fechava para ocultar a batalha dos que se persignavam a sério e dos imitadores!...

A operação sabonete, classificação dada pelos do boné redondo... salpicada com os dichotes de que, apesar de não usarem o sabão azul e branco da ração e não poderem comer feijão com casca, estavam a dar nas vistas!... Terminou na enfermaria, onde os pensos a sério, substituíram os da mão fechada!?

Pois, a desculpa daquela sangria, e rostos com arranhões, foi paga pelo mar, juntamente com a louça partida, com o mar-chão, devido à incúria dos talheiros, unidades das copas e cozinhas, que aguardavam o mau tempo, para aparecerem na ponte do comando com a amostra da loiça partida, a fim de ser registada no Diário Náutico, num protesto contra a acção da tempestade no mar, culpada dos danos que os ânimos tempestuosos tinham provocado!...

Na falta de outra justificação, também foi a tempestade marinha que respondeu pelo combate nos lavabos, num S. O. S. alibioso absoluto, para salvaguardar culpas das desinteligências havidas, com um sinal da cruz, que poderia crucificar a carreira de alguns cuja idade do tempo, certamente não os traria a posição do presente que vivem, mas certamente já não recordam!...

Camaradagem saudosa que, não sei se as actuais gerações, hierarquicamente saberiam compreender!...

Nau das Fradegãs, Março de 1974.

António F. Gomes

Peregrinação diocesana

(CONTINUADO DA PAGINA UM) tes durante toda a noite em espírito de fé e de oração.

As 7.30 horas da manhã e depois da bênção do Santíssimo, celebrou Missa o Reverendo Padre Joaquim Reya, pároco de Nossa Senhora.

Durante muitas horas vários sacerdotes, atenderam de confissão muitos fiéis, que se preparavam assim para receberem o Senhor e receberem também as indulgências plenárias que este Ano Santo concede a todos os Cristãos católicos do Mundo.

As 11 horas chegou ao Santuário, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo, D. David de Sousa, acompanhado de Membros do seu Cabido e do Seminário Maior, sendo recebido pela Mesa da Confraria de Nossa Senhora e por muitos peregrinos presentes.

Sua Excelência Reverendíssima presidiu à celebração eucarística no adro do Santuário para o povo de Deus que enchia o recinto.

A homilia falou o Padre José Francisco Ribeiro, Missionário em Timor, sobre as intenções da Peregrinação e sobre a união dos Homens neste Ano Santo. Muitas foram as almas que se abeiraram da Mesa Eucarística.

As 15.30 horas realizou-se a procissão com a Venerada Imagem da Senhora da Conceição que desceu do seu Castelo, no seu andor ornamentado de cravos cor-de-rosa, como Mãe extremosa, para visitar os filhos que a não visitam e a todos trazer a sua bênção maternal.

Na procissão incorporaram-se muitas terras da diocese com os seus estandartes religiosos, vimos presentes, os concelhos e as freguesias de Alandroal, Borba, Elvas, Estremoz, Évora, Campo Maior eousel.

Muitas promessas foram cumpridas,

das, muitas as lágrimas que se choraram e nas almas a esperança despertava e uma certeza aparecia a certeza da paz no Ultramar.

A chegada da procissão ao Castelo o Senhor Arcebispo, felicitou os fiéis presentes por mais esta manifestação de fé, falou de Nossa Senhora, Mãe da Igreja, explicou as condições para se lucrar o Jubileu e renovou a consagração da diocese a Nossa Senhora. E deu a bênção do Santíssimo.

A Imagem da Senhora recolheu ao seu Santuário saudada em despedida pelos lenços brancos dos peregrinos que em revoada de paz lhe transmitiam os seus anseios.

Que todos saibamos merecer essa Paz e que todos saibamos continuar unidos pela fé e por esta certeza, a de um Portugal cristão cada vez mais unido e mais renovado.

PRIMAVERA

Voltou de novo o rir da Primavera no verde das searas e nos prados... nos caminhos, nos vales, nos montados no doce despertar de cada flor! O ar cheira a mimosas; a quimera o campo a erva fresca humedecida e em cada olhar que passa, a própria vida parece menos vã e menos dura!... — Só a minha alma triste e descontente sonhando sempre só em noite escura, não voltou a despertar, nem a florir, mas só a Primavera a fez sorrir!

«Ao Calipolense pelo seu aniversário»

LEOLINDA TRINDADE

NOTA DA SEMANA

Bombeiros Voluntários

Há falta de bombeiros. É uma verdade nacional, que vem preocupando, cada dia mais, as filantrópicas associações de bombeiros voluntários, muitas a viverem já sem o mínimo de homens para, no seu meio, assegurarem os fins humanitários para que foram criadas e vivem.

Nesta hora de euforia nacional, bom seria que os entusiasmos de muitos, dispondo de tempo, os levassem a participar no revigoramento, pelo aumento do corpo activo, dos bombeiros voluntários, altruístas soldados da paz.

E porque no nosso país foi atingida a hora da verdade, quebrados que foram os tabus, é oportuno pensar nos bombeiros voluntários, que recebem e desejam a participação de todos os portugueses, homens e mulheres. Têm trabalho para todos e a causa é do interesse comum.

Segundo um investigador de Israel...

A monogamia predispõe ao enfarte

A monogamia figura entre os factores que predispõe ao enfarte. Esta é a conclusão a que chegou o investigador israelita doutor Moshe Zamir, no final dum estudo realizado durante vinte anos sobre uma amostra de trinta mil beduínos, segundo a imprensa italiana.

O doutor Zamir verificou que nos beduínos que tinham mais de uma mulher ou concubina «legítimas» a incidência do enfarte foi de apenas dois casos em trinta mil, número que se multiplicava de zassete vezes entre aqueles beduínos que se convertiam à monogamia.

As conclusões a que chega o investigador israelita são, obviamente, que a redução da actividade sexual predispõe ao enfarte, e ainda que tais conclusões possam induzir a uma maliciosa ironia, devem ser tratadas com a seriedade que caracterizou o trabalho do doutor Zamir.

Tal é a opinião do especialista italiano Bruno Lucisano, que considera que as investigações realizadas pelo doutor Zamir não concedem o devido peso ao factor «civilização», que hoje em dia alcançou até a civilização muçulmana, levando muitos beduínos a transformarem-se em monógamos.

O IMPACTO DA CIVILIZAÇÃO

Por outro lado sobre a poligamia, a civilização supôs também para uma parte da população beduína tudo o que ela comporta em termos de novos costumes de trabalho, de ali-

mentação, de despersonalização do indivíduo, de mistificação da técnica e das máquinas, a rapidez das transformações ambientais frente a uma mais lenta capacidade de adaptação do indivíduo ao «novo». Tudo isto, naturalmente, é causa de tensão no organismo e repercute-se particularmente sobre o coração do indivíduo.

Coisa que se confirma com as informações epidemiológicas, segundo as quais, a incidência do enfarte aumenta com o nível económico e com o grau de civilização de um país.

Assim, pois, o especialista italiano aceita as conclusões do investigador de Israel, mas precisando que a mudança da poligamia para a monogamia é prejudicial para o coração, na mesma medida em que o são a melhor alimentação, a redução da actividade de trabalho muscular e os progressos técnicos destinados ao conforto do indivíduo, que, embora do ponto de vista social possam ser considerados como elementos vantajosos, têm um preço sumamente alto no campo biológico e psicológico do indivíduo.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

LEMBRA QUE...

...se as condições de visibilidade não são as melhores, se o nevoeiro e a neblina matinal não lhe permitem uma visibilidade adequada, use os médios e conduza a uma velocidade moderada.